



A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DA DIVERSIDADE DE GÊNERO DE FORMA MAIS HUMANA E ESPECIALIZADA NA FORMAÇÃO MÉDICA

Data da submissão: 25/08/2024

Data de publicação: 25/09/2024

Fagner Marques Pereira

E-mail: fagnermarques20@hotmail.com

Ingrid Brandão Coqueiro

E-mail: ingrid_brandao@live.com

Ana Luiza de Souza Martins Arias

E-mail: a.naluizarias@gmail.com

Ana Nascimento Giroto

E-mail: aninha.n.giroto@gmail.com

Késia Rayser Sobrinho Tavares Melo

E-mail: kesiaraysermelo@gmail.com

Bárbara Luiza Alves Matos

E-mail: barbaraluizamatos@hotmail.com

Deborah Cristina Ribeiro Neves

E-mail: neves_dborah@yahoo.com

João Pedro Silva Damas Maciel

E-mail: joaopedrod50@gmail.com

Gabriel Nascimento Martins da Fonseca

E-mail: gnmfmedicina@gmail.com

Marilza de Oliveira Santos

E-mail: marilza101@hotmail.com

Barbara Lima de Laia

E-mail: barbaralaia@outlook.com

Ana Maria Marsura

E-mail: anamariamarsura@academico.unifimes.edu.br

RESUMO

A inclusão da diversidade de gênero na formação médica é crucial para oferecer um atendimento sensível e adequado a uma população diversificada. Esta revisão integrativa tem como objetivo explorar a importância de uma abordagem mais humana e especializada da diversidade de gênero na formação dos profissionais de saúde, ressaltando os benefícios para a prática clínica, a relação médico-paciente e a promoção da equidade em saúde. A metodologia envolveu a análise de literatura científica e acadêmica sobre práticas educacionais, desafios e estratégias para integrar questões de gênero nos



currículos médicos, com foco em fontes brasileiras e internacionais. Os resultados mostram que a inclusão da diversidade de gênero na formação médica melhora a competência cultural dos profissionais, reduz erros diagnósticos e aprimora a comunicação e a satisfação dos pacientes. Além disso, evidencia que a formação contínua e a atualização regular são essenciais para manter os profissionais informados sobre as melhores práticas. As estratégias eficazes incluem a implementação de módulos específicos, simulações práticas e discussões de casos clínicos. Esta revisão destaca a necessidade de integrar a diversidade de gênero de forma sistemática nos currículos médicos para promover um atendimento mais equitativo e melhorar os resultados de saúde.

Palavras-chave: Diversidade de gênero, Formação médica, Inclusão, Práticas educacionais, Equidade em saúde.



1 INTRODUÇÃO

A diversidade de gênero inclui uma variedade de identidades e formas de expressão que vão além das categorias tradicionais de masculino e feminino. Reconhecer e compreender essa diversidade é essencial para assegurar um atendimento que respeite e atenda adequadamente todas as identidades de gênero. No entanto, a formação médica tradicional frequentemente não aborda essas questões de forma suficiente, resultando em lacunas significativas no atendimento e na compreensão das necessidades dos pacientes. As pessoas transgênero, não-binárias e outras que não se conformam aos padrões binários de gênero enfrentam barreiras significativas no acesso a cuidados de saúde adequados, muitas vezes devido ao desconhecimento ou preconceito dos profissionais de saúde.

Essa falta de preparo pode contribuir para desigualdades no cuidado, com implicações para a saúde física e mental dos pacientes. A literatura médica já aponta que a invisibilização das questões de gênero nos currículos acadêmicos está relacionada a diagnósticos equivocados, tratamentos inadequados e até a retração dos próprios indivíduos em busca de cuidados. Assim, uma abordagem mais humana e especializada que inclua as nuances da diversidade de gênero é crucial para formar médicos capazes de oferecer um atendimento mais inclusivo e equitativo, considerando as especificidades de cada indivíduo.

A crescente visibilidade das questões de gênero, tanto socialmente quanto no âmbito dos direitos humanos, torna imperativo que a formação médica evolua para responder a essas demandas. Segundo estudos, pacientes que não se identificam com o gênero binário frequentemente relatam experiências negativas em consultas médicas, o que impacta diretamente sua confiança no sistema de saúde e sua qualidade de vida. A falta de competência em gênero e sexualidade por parte dos profissionais de saúde não só perpetua desigualdades, como também contraria os princípios éticos da prática médica, que incluem o respeito à dignidade e às diferenças individuais.

Além disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e outros órgãos reguladores de saúde têm ressaltado a importância de promover ambientes de cuidado livre de discriminação e preconceito. Nesse sentido, a formação médica deve incorporar um entendimento profundo e empático das diferentes identidades de gênero, a fim de promover práticas inclusivas e reduzir o estigma enfrentado por esses pacientes.

O objetivo desta revisão integrativa é examinar a importância de uma abordagem mais humana e especializada da diversidade de gênero na formação médica. Pretende-se identificar como a inclusão desses temas nos currículos médicos pode melhorar a qualidade do atendimento, aumentar a compreensão dos profissionais de saúde sobre as necessidades específicas das pessoas trans e não-binárias, e contribuir para a redução das desigualdades no cuidado de saúde para essas populações.



2 REFERENCIAL TEÓRICO

A diversidade de gênero diz respeito ao conjunto de identidades e expressões de gênero que transcendem o binário convencional de masculino e feminino. Para a medicina, reconhecer e compreender essa diversidade é crucial para a oferta de um atendimento inclusivo, que respeite e valorize as diferenças individuais dos pacientes. No entanto, o campo médico ainda tem grandes lacunas no que diz respeito à educação e à prática voltadas para as questões de gênero, resultando em desafios significativos no atendimento a pessoas transgênero, não-binárias e outras identidades de gênero.

No Brasil, a questão da diversidade de gênero no atendimento médico ainda é pouco explorada de forma ampla e sistemática, embora alguns estudos apontem para a necessidade urgente de mudanças. Pesquisas como a de Pelúcio e Miskolci (2012) destacam o preconceito e a discriminação enfrentados pelas pessoas trans nas instituições de saúde, muitas vezes desencadeados pela falta de capacitação dos profissionais para lidar com questões de gênero de forma apropriada. Da mesma forma, Silva et al. (2021) indicam que, sem treinamento adequado, muitos médicos brasileiros podem não estar preparados para atender essa população de maneira eficaz, o que resulta em erros de diagnóstico, tratamentos inadequados e a perpetuação de estigmas.

A literatura internacional reforça essas constatações. Budge et al. (2013) identificam que, nos Estados Unidos, muitos profissionais de saúde reportam dificuldades para tratar pacientes transgêneros devido ao desconhecimento sobre as necessidades de saúde específicas dessa população. Similarmente, Reisner et al. (2015) apontam que a falta de competência cultural e de treinamento em diversidade de gênero entre médicos e outros profissionais de saúde pode contribuir para barreiras no acesso aos cuidados e desfechos de saúde piores para esses indivíduos.

A inclusão de temas relacionados à diversidade de gênero no currículo médico é recomendada por organizações internacionais de saúde, como a Associação Médica Mundial e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2015, a OMS reconheceu formalmente que as pessoas transgênero enfrentam disparidades significativas em saúde, e que tais disparidades estão frequentemente associadas à discriminação e ao preconceito dentro dos sistemas de saúde (WHO, 2015). Por isso, o desenvolvimento de uma formação médica sensível e especializada é visto como um dos principais fatores para melhorar a saúde e o bem-estar dessas populações.

No contexto brasileiro, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Medicina (Ministério da Educação, 2014) incluem a formação voltada para o atendimento das necessidades da população LGBTQIA+, mas sua aplicação prática ainda é limitada. Levantamentos como o de Bento e Pelúcio (2016) revelam que muitos profissionais de saúde brasileiros carecem de treinamento



adequado e sensibilidade em relação às questões de gênero, o que reforça a necessidade de mudanças estruturais no ensino médico.

Portanto, tanto no Brasil quanto no cenário internacional, é evidente que a formação médica precisa evoluir para abordar a diversidade de gênero de maneira mais humana e especializada. Incorporar a compreensão dessas identidades nas práticas médicas e educacionais é essencial para garantir um atendimento mais justo e eficaz, bem como para reduzir as barreiras enfrentadas pelas pessoas transgênero e não-binárias no acesso aos cuidados de saúde.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta revisão integrativa foi realizada com o objetivo de explorar a importância da inclusão da diversidade de gênero na formação médica, com base em uma análise crítica da literatura científica e acadêmica. Para isso, seguiu-se as etapas propostas por Mendes et al. (2008), que incluem a identificação do tema, definição da questão de pesquisa, busca e seleção dos estudos, categorização dos achados, análise crítica e síntese dos resultados.

A pesquisa de estudos foi conduzida em bases de dados como PubMed, SciELO, Lilacs, Medline e Google Scholar, incluindo publicações dos últimos dez anos (2013-2023). Foram selecionados estudos que abordavam práticas educacionais no contexto da formação médica, o impacto da diversidade de gênero na prática clínica, barreiras enfrentadas por pessoas transgênero e não-binárias no atendimento à saúde e estratégias de ensino que promovem uma compreensão mais profunda e humanizada das questões de gênero. A busca foi realizada com o uso de descritores definidos a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH), utilizando-se as seguintes palavras-chave e seus correspondentes em inglês, português e espanhol: "diversidade de gênero", "formação médica", "educação médica", "identidade de gênero", "pessoas transgênero", "não-binário", "inclusão na saúde", "competências médicas", "saúde LGBTQIA+" e "práticas educacionais". A combinação desses descritores foi feita utilizando operadores booleanos, como AND e OR, para garantir maior precisão nas buscas. As expressões de busca incluíram combinações como: "diversidade de gênero" AND "formação médica", "identidade de gênero" AND "educação médica", "pessoas transgênero" OR "não-binário" AND "competências médicas", "saúde LGBTQIA+" AND "práticas educacionais", entre outras.

Os critérios de inclusão foram: artigos originais e revisões de literatura que tratassem diretamente da diversidade de gênero no contexto da formação médica, publicações em português, inglês e espanhol, e artigos disponíveis em acesso completo. Excluíram-se estudos que não abordavam



diretamente a formação médica ou focavam exclusivamente em outras áreas da saúde sem relação com a diversidade de gênero.

A seleção dos estudos foi seguida por uma leitura crítica e sistemática dos artigos para identificar as principais abordagens, lacunas e recomendações relacionadas à formação médica em diversidade de gênero. Os artigos foram categorizados de acordo com os temas centrais, como: práticas educacionais, impacto no atendimento clínico, competências sobre diversidade de gênero e estratégias pedagógicas inovadoras para a inclusão de gênero na saúde. Por fim, os resultados foram sintetizados de forma a oferecer um panorama sobre a relevância da inclusão desses conteúdos nos currículos médicos e seu impacto na qualidade do atendimento à população LGBTQIA+.

4 RESULTADOS

A incorporação de capacitação em diversidade de gênero na educação médica tem mostrado efeitos significativos em várias áreas do cuidado à saúde. Primeiramente, no que diz respeito ao impacto na prática clínica, estudos indicam que a educação focada na diversidade de gênero melhora a competência cultural dos profissionais de saúde, resultando em um atendimento mais apropriado e sensível às necessidades dos pacientes. Budge et al. (2013) e Costa et al. (2018) mostram que a falta de formação específica pode levar a diagnósticos incorretos e tratamentos inadequados, principalmente para pacientes transgêneros e não-binários, cujas necessidades médicas e psicológicas são frequentemente diferentes das de pacientes cisgêneros. A inclusão de tópicos relacionados à diversidade de gênero permite que os profissionais de saúde compreendam melhor as complexidades associadas às transições de gênero, à saúde sexual e reprodutiva e ao bem-estar mental, reduzindo a ocorrência de erros e proporcionando cuidados mais personalizados e eficazes.

No que tange à relação médico-paciente, a formação em diversidade de gênero tem um impacto positivo na comunicação e na interação entre profissionais de saúde e pacientes. Profissionais que são treinados para lidar com questões de gênero geralmente demonstram maior empatia e eficácia na comunicação, utilizando uma linguagem inclusiva e respeitosa. Estudos como os de Sanjad et al. (2018) e Castro et al. (2019) ressaltam que pacientes que se sentem compreendidos e respeitados em relação à sua identidade de gênero tendem a confiar mais em seus médicos. Essa confiança resulta em maior adesão aos tratamentos recomendados e uma experiência mais satisfatória com o sistema de saúde. Uma comunicação eficaz, facilitada por um treinamento adequado, não apenas aumenta a satisfação dos pacientes, mas também melhora os desfechos clínicos, pois a confiança entre médico e paciente é crucial para a continuidade do cuidado e para a adesão terapêutica.



Além disso, a educação sobre diversidade de gênero tem um papel fundamental na promoção da equidade em saúde. Ao capacitar os profissionais de saúde para reconhecer e abordar as disparidades no atendimento, a formação em diversidade de gênero contribui para um atendimento mais justo e equitativo para todos os pacientes. Burch et al. (2017) e Schuster et al. (2019) destacam que a capacitação em questões de gênero permite que os profissionais identifiquem e reduzam desigualdades, que muitas vezes resultam de preconceitos inconscientes e da falta de conhecimento sobre as necessidades específicas da população LGBTQIA+. A inclusão desses temas na formação médica ajuda a criar ambientes de saúde mais acolhedores e inclusivos, onde todos os pacientes se sentem seguros para buscar cuidados e discutir suas necessidades sem medo de discriminação. Essa abordagem não só promove a inclusão, mas também assegura que as barreiras ao acesso aos cuidados de saúde sejam minimizadas, contribuindo para a equidade no atendimento.

Em resumo, a formação médica que inclui a diversidade de gênero não só melhora a competência cultural dos profissionais de saúde e a qualidade da comunicação com os pacientes, mas também promove uma abordagem mais equitativa e inclusiva no atendimento à saúde. Esses resultados evidenciam a importância de integrar a diversidade de gênero nos currículos médicos para garantir que os futuros profissionais estejam preparados para oferecer cuidados sensíveis e apropriados a todas as identidades de gênero.

5 DISCUSSÃO

A integração da diversidade de gênero na formação médica é crucial para preparar os profissionais de saúde para uma prática mais inclusiva e sensível. A educação especializada em diversidade de gênero não só ajuda a reduzir preconceitos e estigmas, mas também aprimora a competência cultural dos médicos, impactando positivamente a qualidade do atendimento e os resultados de saúde dos pacientes. Estudos demonstram que a implementação de currículos que abordam a diversidade de gênero resulta em melhorias significativas na prática médica (Almeida et al., 2020; Santos et al., 2021).

No contexto brasileiro, a relevância da integração da diversidade de gênero é ainda mais acentuada devido às particularidades culturais e sociais do país. O Brasil enfrenta desafios significativos em relação à inclusão de pessoas transgênero e não-binárias no sistema de saúde, como uma alta incidência de violência e discriminação contra essas populações. A formação médica que inclui a diversidade de gênero pode ajudar a mitigar esses problemas, oferecendo aos futuros profissionais de saúde ferramentas e conhecimentos para proporcionar um atendimento mais equitativo e livre de preconceitos. Silva et al. (2021) destacam que a falta de treinamento específico em questões



de gênero perpetua barreiras no atendimento a pessoas transgênero no Brasil. A inclusão de temas relacionados à diversidade de gênero nos currículos pode contribuir para uma maior compreensão e respeito pelas identidades de gênero, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

Entre as estratégias eficazes para integrar a diversidade de gênero na formação médica, destacam-se a inclusão de módulos específicos sobre o tema, a realização de simulações práticas e a discussão de casos clínicos que abordem situações envolvendo questões de gênero. Esses métodos permitem que os futuros profissionais desenvolvam habilidades práticas e teóricas para lidar com a diversidade de forma apropriada. Além disso, a formação contínua e atualizações regulares são fundamentais para garantir que os profissionais se mantenham informados sobre as melhores práticas e avanços no campo da diversidade de gênero. Budge et al. (2013) e Silva et al. (2021) enfatizam a importância de uma educação médica que evolua com as novas pesquisas e mudanças nas necessidades da população para oferecer o melhor atendimento possível.

A integração da diversidade de gênero no currículo médico também pode contribuir para a redução das disparidades em saúde. Ao abordar questões de gênero de forma sistemática, os programas de formação médica podem ajudar a criar um ambiente de saúde mais acolhedor e inclusivo, promovendo maior equidade no atendimento e garantindo que todos os pacientes recebam cuidados de acordo com suas necessidades individuais. Essa abordagem não só melhora a qualidade do atendimento, mas também promove uma cultura de respeito e igualdade no ambiente de saúde.

Portanto, a inclusão da diversidade de gênero na formação médica é um passo crucial para a construção de um sistema de saúde mais inclusivo e eficiente, tanto no Brasil quanto globalmente. A adoção de estratégias educativas eficazes e a manutenção de uma formação contínua são essenciais para preparar profissionais capazes de oferecer um atendimento que respeite e atenda adequadamente todas as identidades de gênero, contribuindo para melhores resultados de saúde e maior equidade no atendimento.

6 CONCLUSÃO

A abordagem da diversidade de gênero de forma mais humana e especializada na formação médica é essencial para a melhoria da prática clínica e a promoção da equidade em saúde. A integração efetiva desses temas nos currículos médicos pode resultar em um atendimento mais adequado às necessidades dos pacientes, uma comunicação mais eficiente e empática, e maior satisfação com os cuidados recebidos. Profissionais de saúde treinados em questões de gênero são mais capazes de oferecer cuidados respeitosos e informados, contribuindo para a redução de erros diagnósticos e a melhoria dos resultados de saúde.



Para aprimorar a formação médica sobre diversidade de gênero, é imperativo que as instituições de ensino integrem esses temas de maneira sistemática e abrangente em seus currículos. Isso pode incluir a inclusão de módulos específicos sobre diversidade de gênero, a realização de simulações práticas e discussões de casos clínicos que abordem questões de gênero. Além disso, a formação contínua e atualizações regulares são essenciais para garantir que os profissionais se mantenham informados sobre as melhores práticas e avanços no campo.

No entanto, este estudo tem algumas limitações. A revisão pode ter sido influenciada pela disponibilidade e qualidade dos estudos revisados, e a generalização dos resultados pode ser limitada por variações regionais e culturais específicas. Além disso, a efetividade das estratégias de ensino pode variar conforme o contexto institucional e os recursos disponíveis.

Sugestões para futuros estudos incluem a realização de pesquisas longitudinais para avaliar o impacto a longo prazo da formação em diversidade de gênero sobre a prática clínica e a experiência dos pacientes. Também seria útil investigar a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas na integração da diversidade de gênero nos currículos médicos, bem como explorar as percepções e experiências de estudantes e profissionais de saúde em relação ao treinamento recebido. Estudos que considerem as especificidades culturais e regionais podem proporcionar uma compreensão mais detalhada de como adaptar a formação para atender melhor às necessidades locais e promover a inclusão de maneira mais eficaz.

Assim, a incorporação da diversidade de gênero na formação médica representa um passo fundamental para desenvolver um sistema de saúde mais inclusivo e eficaz. A implementação de estratégias educativas eficazes e a realização de pesquisas adicionais são fundamentais para garantir que os futuros profissionais de saúde estejam preparados para oferecer um atendimento que respeite e atenda adequadamente todas as identidades de gênero, contribuindo para melhores resultados de saúde e maior equidade no atendimento.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M., SILVA, M. P., OLIVEIRA, A. F. Educação médica e diversidade de gênero: Desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(3), 405-412. 2020. Disponível em: (<https://www.rbem.org.br>) Acessado em: 10 ago 2024.
- BENTO, B., PELÚCIO, L. A "reinvenção" da sexualidade: Gênero e sexualidade nas políticas de identidade e no cotidiano das pessoas trans. *Cadernos Pagu*, (47), 249-280. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201600470249> Acessado em: 20 ago 2024.
- BUDGE, S. L., ADELSON, J. L., HOWARD, K. A. S. Anxiety and depression in transgender individuals: The roles of transition status, loss, social support, and coping. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 81(3), 545-557. 2013. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/ccp> Acessado em: 12 ago 2024.
- BURCH, J. D., EDWARDS, R., HILL, A. R. Improving transgender health care: The role of medical education. *Journal of Medical Education and Curricular Development*, 4, 1-10. 2017. Disponível em: (<https://journals.sagepub.com/home/med>) Acessado em: 12 ago 2024.
- CASTRO, L. C., LIMA, T. R., BARBOSA, M. C. Impacto da educação sobre diversidade de gênero na formação médica: Uma revisão crítica. *Revista de Saúde Coletiva*, 28(2), 133-142. 2019. Disponível em: (<https://www.revistas.usp.br/rsc>) Acessado em: 10 ago 2024.
- COSTA, P. R., CARVALHO, A. S., MENDES, J. L. Formação médica e diversidade de gênero: Resultados de um estudo exploratório. *Jornal Brasileiro de Medicina*, 70(1), 43-50. 2018. Disponível em: (<https://www.jbm.org.br>) Acessado em: 18 ago 2024.
- JAMES, S. E., HERMAN, J. L., RANKIN, S., KEISLING, M. The report of the 2015 U.S. Transgender Survey. National Center for Transgender Equality. 2016. Disponível em: (<https://www.transequality.org/sites/default/files/docs/USTS-Full-Report-FINAL.PDF>) Acessado em: 20 ago 2024.
- MENDES, K. D. S., SILVEIRA, R. C. C. P., GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018> Acessado em: 20 ago 2024.
- PELÚCIO, L., MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, (10), 65-91. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000200004> Acessado em: 18 ago 2024.
- REISNER, S. L., POTEAT, T., KEATLEY, J., CABRAL, M., MOTHOPENG, T., DUNHAM, E., HOLLAND, C. E., MAX, R., BARAL, S. D. Global health burden and needs of transgender populations: A review. *The Lancet*, 388 (10042), 412-436. 2015. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)60692-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)60692-X) Acessado em: 28 ago 2024.



SANJAD, S., RICKS, M., MENDEZ, J. Enhancing patient-provider communication through gender sensitivity training: An approach to reducing healthcare disparities. *Journal of Health Communication*, 23(9), 787-795. 2018. Disponível em: (<https://www.tandfonline.com/toc/uhcm20/current>) Acessado em: 04 set 2024.

SANTOS, J. M., OLIVEIRA, P. R., GOMES, A. R. Currículo inclusivo e diversidade de gênero na formação médica: Desafios e avanços. *Journal of Medical Education and Curricular Development*, 8, 1-10. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/23821205211015215> Acessado em: 28 ago 2024.

SANTOS, R. J., RIBEIRO, A. L., PEREIRA, A. M. A importância da diversidade de gênero na formação médica: Uma análise crítica. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 15(1), 59-68. 2021. Disponível em: (<https://www.rbes.org.br>) Acessado em: 10 set 2024.

SCHUSTER, M. A., PEÑALOZA, J. S., DENSON, J. L. Disparities in health care for transgender individuals: The role of medical education in improving health outcomes. *American Journal of Public Health*, 109(8), 1102-1106. 2019. Disponível em: (<https://ajph.aphapublications.org>) Acessado em: 08 set 2024.

SILVA, J. S., ANDRADE, M. C., LIMA, R. A. Inclusão da diversidade de gênero na formação médica: Perspectivas e desafios. *Revista Brasileira de Formação Médica*, 46(1), 25-34. 2021. Disponível em: (<https://www.rbfm.org.br>) Acessado em: 10 ago 2024.

SILVA, J. A., SILVEIRA, M. L., FREITAS, C. M. Desafios para o atendimento de pessoas transgênero no sistema de saúde brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 16(43), 2573. 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmf16\(43\)2573](https://doi.org/10.5712/rbmf16(43)2573) Acessado em: 26 ago 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Sexual health, human rights, and the law*. Geneva: WHO. 2015. Disponível em: https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/sexual-health-human-rights-law/en/ Acessado em: 26 set 2024.